

FOME AMEAÇA TRINTA MIL PESSOAS EM NHAMATANDA

● Esgotada toda a reserva alimentar naquela região localizada na faixa do «Corredor da Beira»

Mais de trinta mil pessoas acomodadas em centros de deslocados do distrito de Nhamatanda, província de Sofala, enfrentam uma grave carência alimentar devido sobretudo à falta de chuvas que se faz sentir no país e na África Austral numa maneira geral. Nhamatanda, localizado a cerca de 90 quilómetros da capital provincial, conta neste momento com sete centros de recepção das vítimas da guerra e da seca.

A Reportagem da nossa Delegação da Beira visitou na semana passada aquele distrito, onde testemunhou a situação extremamente precária em que se encontram homens, mulheres e crianças afectados pela guerra e pela seca prolongada. Esta situação deixou o distrito de Nhamatanda sem qualquer reserva alimentar para acudir às necessidades cada vez mais crescentes.

Assim, vários grupos de famílias compostas por cinco a dez pessoas têm vindo, nos últimos dias, a concentrar-se na sede da Administração de Nhamatanda, com o objectivo de pedir apoio em alimentos ao Governo local.

A Reportagem da nossa Delegação da Beira que presenciou o facto, na semana passada, soube junto do administrador-adjunto daquele ponto da província que a situação poderá agravar-se dentro dos próximos meses, pois, presentemente, o distrito não dispõe de quaisquer reservas alimentares para o socorro das vítimas da guerra e da seca que na presente campanha destruiu todas as culturas da primeira época agrícola.

Soubemos junto daquele responsável que a situação alimentar está ainda a agravar os problemas sociais das populações que nos primeiros meses deste ano se apresentaram às forças governamentais, fugindo das zonas controladas pela Renamo.

«Estas pessoas não têm pelo menos o mínimo para poderem organizar-se, ou seja, começar com a vida nos centros onde foram encaminhados. Para além da comida que necessitam, deparam também com a falta de instrumentos de produção e artigos domésticos (panelas, pratos, entre outros)».

A nossa fonte considerou também a falta de meios de transporte para escoar os produtos doados pela comunidade internacional para os mais necessitados a tempo e hora, como uma outra razão do agravamento da situação alimentar no distrito, muito embora esforços têm sido enviados pelo Departamento de

Prevenção e Combate às Calamidades Naturais na província.

Entretanto, o administrador-adjunto de Nhamatanda lamentou a falta de chuvas e afirmou que centenas de milhares de pessoas residentes no distrito para sobreviverem terão que recorrer a frutos silvestres ou verduras.

Ele justificou a sua afirmação dizendo que toda a área lavrada na presente campanha agrícola ficou totalmente destruída pela grande estiagem e «sem chuvas não há outro meio para recuperar as culturas da segunda época que também vieram afectar o programa de comercialização no distrito».

O «Notícias» apurou ainda que, apesar dos esforços que os camponeses estão a envidar com vista a obter boas colheitas na produção de hortícolas, a problemática da humidade do solo poderá comprometer a boa produção destas.

O distrito de Nhamatanda, situado na faixa do «Corredor da Beira» alberga, neste momento mais de 30 mil pessoas, entre deslocados e repatriados de guerra dos países vizinhos. O mesmo conta presentemente, com sete centros de recepção das vítimas da guerra e da seca.

A Reportagem da nossa Delegação da Beira que há dias trabalhou naquele distrito teve a oportunidade de visitar alguns centros, tais como os de Jasse, Nharichonga, Metuchira-LOMACO e o de Gorongosa, este último constituído maioritariamente por pessoas recém-chegadas das bases da Renamo.

Uma das camponesas que responde pelo nome de Dambire Jamusse lamentou a falta de chuvas na presente campanha, tendo dito que «não sei se vou escapar ou não desta calamidade, pois já não tenho nada para enganar o meu estômago e dos meus sobrinhos que fugiram comigo para cá em Nhamatanda».

Depois de ter dito que já começou a comer verduras (folhas de batata-doce) frisou: «Estas plantas não vão chegar até Julho ou Agosto e a partir destes meses, não sei onde vou encontrar mais verduras».

Tomocene Caetano acrescentou que na presente campanha agrícola havia lavrado um hectare e meio para as culturas de milho e mapira, mas devido

onde uma lata de «cerelac» custa 800 a 1000 meticals».

Ele disse por outro lado, que dada a sua idade avançada, «não tenho conseguido ir ao mato contar estacas ou bambús para vender, tal como fazem outras pessoas. Agora dedico-me apenas à produção de hortícolas e de feijão para a minha alimentação».

à falta de chuva as sementes não germinaram: «Não tenho dinheiro para poder comprar farinha na candonga,